



## O marido da Barbie: os novos paradigmas da masculinidade contemporânea

*The Barbie's husband: the new paradigm of contemporary masculinity*

Rafael Matias da SILVA<sup>1</sup>

Fernanda Wanderley C. de ANDRADE<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo refletir sobre o surgimento de novos paradigmas de masculinidade contemporânea, influenciado pelos movimentos sociais, culturais e econômicos ocorridos a partir das décadas de 60/70, que coabitam com o antigo modelo, baseado no patriarcado, que ainda permanece na trama social. Desta forma, é possível dizer que o homem contemporâneo está desamparado frente aos diversos modelos de ser homem, vivenciando momento crítico, no que diz respeito à sua masculinidade, precisando redefinir a sua identidade masculina, que produz efeitos na relação deste homem consigo mesmo, com os(as) outros(as) e na sua forma de se posicionar no mundo. As perspectivas teóricas que forneceram subsídio a essa pesquisa foram a “teoria de gênero” e a “Psicanálise”. Também foi realizada uma pesquisa no website denominado “Papo de Homem”, espaço virtual onde se reflete sobre a masculinidade, com o intuito de colher dados sobre a temática, os quais puderam ser analisados qualitativamente, a partir de um diálogo com as produções teóricas adotadas nesta pesquisa.

**Palavras-chave:** Masculinidade. Teoria de gênero. Psicanálise. Subjetividade.

**Abstract:** This article aims to reflect on the emergence of new paradigms of contemporary masculinity, influenced by the social, cultural and economic movements, that have been occurring since the decades 60/70, cohabiting with the old patriarchal based model that still remains in the social scenario. Thus, it is possible to say that the modern man is forsaken facing new masculine roles, being a man involves, experiencing critical moment with regard to his masculinity in need of resetting his male identity, which has reflected upon his relationship with himself, with the others and his way to position himself in the world. The theoretical support to this research were the "gender theory" and "Psychoanalysis". a search on the website "Papo de Homem" which provides a reflection on masculinity, in order to collect data on the subject matter, which could be analyzed qualitatively from the interface between the content of the target site and the theoretical production adopted to carry out this research.

**Keywords:** Masculinity. gender theory. Psychoanalysis. Crisis. Subjectivity.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia | FAFIRE | E-mail: rafael\_matias02@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora pelo programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva (UFPE), Psicóloga clínica, professora da FAFIRE e orientadora do trabalho | E-mail: fernandawandrade@gmail.com

## Introdução

A Barbie, uma das bonecas mais famosas do mundo dos brinquedos, foi criada pela empresa Mattel, em 1959, tornando-se um ícone de moda, estilo e beleza. Ao longo dos anos, assumiu diversas versões – bailarina, professora, pianista, médica, etc. – fazendo parte do imaginário coletivo de diferentes gerações de crianças. Certamente, as várias versões surgiram para acompanhar as significativas mudanças na subjetividade feminina, desde as décadas de 60/70 até os dias atuais.

Para compor um casal romântico, foi necessária a criação de um personagem à sua altura, o Ken. Este boneco surgiu em 1961, pela mesma empresa, como seu namorado e, depois, marido, com a perspectiva de seguir os padrões da moda, e também teve seus modelos implantados, ao longo dos anos, com diferenças nas roupas e acessórios, corte de cabelo, etc. Não é de se estranhar que esse boneco também tenha precisado passar por diversas adaptações, impulsionado, inclusive, pelas mudanças na subjetividade feminina, ganhando diferentes versões, algumas delas remetendo ao estilo metrosssexual e, às vezes, com um ar andrógino, não mais incomum entre os homens atuais, que expressam, dentre outros aspectos, vaidade e cuidado com a sua própria aparência.

Trazer à tona este casal famoso do mundo dos brinquedos foi, apenas, o mote inicial para as reflexões desta pesquisa em torno da redefinição da masculinidade contemporânea, a partir das décadas de 60/70, sugerindo o surgimento de novas concepções de masculinidade que questionam o poder patriarcal – que ainda habita no nosso contexto atual, revelando outras maneiras de o homem estabelecer as suas relações sociais, familiares e sexuais, e de se comportar no mundo dos negócios e trabalho.

Com essas colocações iniciais não queremos dar uma falsa impressão de que as reflexões deste trabalho se resumem apenas aos meandros da intimidade de um casal ou à “guerra entre os sexos”, visto que desejamos alicerçá-las em movimentos sócio-histórico-culturais mais amplos do que os que radicalmente mapeiam os cenários masculino e feminino, interferindo, certamente, nas relações de poder e dominação entre os gêneros, dentro e fora do âmbito familiar, mas analisar as transformações, que possivelmente, influenciaram na forma de o homem contemporâneo ser e agir nas relações que o rodeiam.

Esses movimentos vêm promovendo transformações importantes na forma como as pessoas se organizam para viver em sociedade e constroem as instituições sociais e, no que se refere, especificamente, ao foco deste trabalho, proporcionando questionamentos acerca do padrão hegemônico de masculinidade, mostrando outras facetas que também compõem o universo masculino, gerando crises psíquicas nos homens em termos de sua identidade masculina.

Os estudos sobre a masculinidade nas ciências humanas e sociais alcançam um período recente de reflexões, revelando que os parâmetros de ser masculino são transitórios, refletindo o contexto sócio-histórico-cultural da época em que eles são produzidos. Portanto, já que a masculinidade não tem um modelo fixo, é de suma importância observar os distintos valores e significados que um padrão referente ao homem comporta em

relação ao tempo que se é observado, contando, neste campo de reflexão, com as décadas de 60/70, que vêm sendo estudadas com mais abrangência, pelas abruptas transformações produzidas nos universos masculino e feminino (ROBERT, 1995).

Para Spink (2004), o sujeito e o objeto são construídos pelo processo sócio-histórico, os quais necessitam ser “problematizados e desfamiliarizados”. Assim, este estudo se propõe a ampliar, no campo científico da “teoria de gênero” e da “psicanálise”, reflexões sobre a temática proposta, e disponibilizar aos profissionais que lidam com essa questão, seja no campo psicológico, social, jurídico ou educacional, um trabalho que favoreça práticas profissionais éticas e politicamente comprometidas com a produção de vida e com o bem-estar psicossocial dos sujeitos.

Para isto, em termos metodológicos, o trabalho contou com uma passagem pelo website denominado “Papo de Homem”, espaço virtual onde se reflete sobre a masculinidade, com o intuito de analisar qualitativamente o discurso que estes homens atuais estão produzindo em torno dessa possível crise psíquica vivenciada por eles na contemporaneidade, no que se refere à sua construção subjetiva da masculinidade.

### **Colocando em xeque o modelo de masculinidade hegemônica: o papel dos movimentos sócio-históricos das décadas de 60/70**

O conceito de masculinidade hegemônica, segundo Gomes (2008), é definido por alguns dos seguintes parâmetros: 1) baseia-se na configuração relacional das práticas de gênero que são aceitas socialmente, estabelecendo e assegurando as posições de dominantes e dominados, reveladas pela subordinação entre os sexos; 2) não se refere a indivíduos em si, mas a um tipo de masculinidade tida por exemplar; 3) possui aspecto ideológico, no sentido marxista do termo, pois naturaliza as diferenças entre os sexos, encobrendo a construção sociocultural das hierarquias de gênero; e 4) expressa uma posição sempre em disputa, não sendo um modelo fixo.

Assim, segundo Almeida (1996), o caráter tipológico da masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que estabelece práticas que exercem efeito de controle de poder não somente entre homens e mulheres, mas entre os próprios homens. Por conseguinte, este modelo acaba por revelar tanto o discurso das assimetrias entre os gêneros – apontando para a superioridade masculina sobre as mulheres – quanto o discurso das disparidades internas que constituem o próprio universo masculino – retratando hierarquias que vão do “mais” ao “menos” masculino, qualificadas como variantes subordinadas do modelo hegemônico.

Portanto, neste **modelo de masculinidade hegemônico**, os predicativos da personalidade do homem são: ser machista, agressivo, competente, forte, racional, viril e heterossexual, tendo uma sexualidade sem limites; em oposição à ternura, fragilidade, afetividade e sexualidade contida, que são típicas das mulheres (SEPARAVICH & CANESQUI, 2013).

A história nos revela que, durante séculos, o patriarcado foi um dos sistemas que prevaleceu na sociedade ocidental na transmissão paradigmática da construção do que

denominamos de masculinidade. Baseado neste modelo de masculinidade, os homens gozavam plenamente de prestígio e vantagens por ter instaurado esse modelo social. Às mulheres (posteriormente aos loucos, homossexuais e outras categorias) cabia serem dominadas por eles, porque eram carentes de proteção e, assim, criadas como “sexo frágil”, tanto anatômica, quanto psíquica e emocionalmente (ARIÈS, 1981).

Era possível traçar o seu perfil/subjetividade e fazer considerações sobre as consequências nefastas do modelo machista para o próprio gênero masculino. Certamente, o homem sofria com as tarefas do papel do masculino, visto que ele sempre deveria ser forte e viril. Era preciso que os homens seguissem à risca este padrão e correspondessem às expectativas sociais do macho, senão as consequências eram bem severas: o preconceito e a discriminação (NOLASCO, 1995).

Porém, no século XX, quatro acontecimentos produziram mudanças nas relações intra e interpessoais, com profundas repercussões no processo de construção das subjetividades masculina e feminina: a Primeira Guerra Mundial, entre 1914-1918; a Segunda Guerra Mundial, entre 1939-1945; o crescente desenvolvimento da Ciência e Tecnologia; e, por fim, a catalisação de vários eventos sociais que eclodiram, na década de 60, no Movimento da Contracultura, os quais intensificaram, nesta mesma época, os questionamentos dos Movimentos das Mulheres em prol de seus direitos.

Em nossa argumentação iremos privilegiar o Movimento da Contracultura e o Movimento Feminista, por acreditarmos ter sido em seu bojo que ocorreram os agenciamentos políticos, socioeconômicos e culturais responsáveis pelas transformações mais significativas nas formas da construção subjetiva da masculinidade ocidental contemporânea.

Então, a pergunta central foi: como esses eventos sócio-históricos produziram repercussões na construção subjetiva da masculinidade contemporânea? Portanto, neste momento, é importante adentrarmos no cerne desses movimentos sociais que direcionaram suas reivindicações às mudanças, principalmente nos campos sociopolíticos e do trabalho.

Os primeiros sinais acerca das questões dos “novos homens” se tornaram mais “visíveis” a partir da década de 60, promovidos pelo Movimento da Contracultura, sinalizando que os papéis relacionados às identidades – tanto masculina, quanto feminina – encontravam-se em questionamento (NOLASCO, 1995).

O movimento Pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado pela exploração de novas tecnologias de produção e de armamento, inclusive de aprimoramento de tecnologia nuclear, e expansão do capitalismo. É neste cenário de padronização e “unidimensionalização” do homem, que imperava na época, que surgem as reivindicações do movimento da contracultura em prol dos Direitos Cívicos, luta pelos direitos para as minorias, que exigiam direitos igualitários para todos os cidadãos, independente do gênero, etc. (GUIMARÃES, s/d).

Por conseguinte, a Contracultura é um conceito criado para designar uma série de práticas e movimentos culturais juvenis nas décadas de 1950 e, principalmente, 1960, nos Estados Unidos, e que foi adotada em outros lugares do mundo. Esse movimento é decorrente de uma sociedade opressora, na qual os jovens fizeram reivindicações que

fugiam, fundamentalmente, à padronização da cultura social do ocidente após a Segunda Guerra Mundial (GUIMARÃES, s/d).

Nesta linha de raciocínio, entendemos a Contracultura como fruto de toda uma geração, que viveu na década de 1960 e que era descontente com a sociedade, tal como esta lhe era imposta. Era uma forma de os jovens terem a oportunidade de se expressarem livremente e, desta maneira, criarem um modelo novo de sociedade (CORTÉS, 2008). Portanto, entendendo a Contracultura como a ação cultural dos jovens, criando estilos de vida diferentes dos impostos pelos costumes ocidentais, não havendo como desvincular a categoria contracultura das categorias de juventude e de rebeldia (ROSZAK, 1972).

Em resposta ao comportamento dos jovens “rebeldes” – que expressavam os seus ideais através da música, cinema, literatura, artes plásticas, pinturas e imprensa alternativa, bem como através do seu próprio corpo, em sua forma de vestir e de se comportar perante o mundo – houve um aumento de repressão estatal e social contra os que se posicionam às margens da mesma. O movimento hippie foi um comportamento coletivo de contracultura dos anos 60, que surge como símbolo deste movimento, expressa o quanto os seus adeptos usavam o prazer momentâneo (uso demasiado de drogas, sexo livre e rock’ n’ roll) como forma de rebeldia, que pode ser percebido, também, no Brasil, na época da Ditadura Militar.

O período da ditadura no Brasil, momento crítico de limitada liberdade de expressão, foi um terreno propício para o surgimento de uma Contracultura que se consolidou, através da década de 60 e parte da de 70, com as mesmas funções críticas, contestadoras e impulsionadoras de ações que potencializam os ideais de juventude. Segundo Paes (*apud* GUIMARÃES, s/d):

[...] o inconformismo com os esquemas comerciais e com a imposição dos meios de comunicação de massa, a crítica à sociedade de consumo, a recusa dos modelos anteriores e a busca de maior liberdade temática, técnica ou de linguagem e, ainda, a intenção de provocar a desacomodação e a desalienação (termo característico da época) do espectador.

O Movimento da Contracultura causou mudanças comportamentais em níveis macro e micro, mudando comportamentos, maneiras de perceber o mundo e estilos de vida das pessoas. Enfim, a Contracultura é um dos movimentos que nos ajudam a compreender a juventude da década de 1960, pois conseguiu unir diversas formas de expressão, atitude e pensamento numa única prática cultural contra o sistema estabelecido (GUIMARÃES, s/d).

Certamente, esse movimento de Contracultura quebrou inúmeros padrões referentes da época, inclusive os relativos ao papel do homem e da mulher. Nesse sentido, podemos dizer que os jovens, de ambos os sexos, se mobilizaram nesta luta “contra” o sistema vigente da época. Conforme Nolasco (1995), neste momento de Contracultura, o movimento hippie estabeleceu uma tentativa de reparação entre o modelo social e de identidade para os sexos.

Outro evento social foi o Movimento de Mulheres, que tem uma existência bem anterior ao da Contracultura – manifestações feministas no Brasil foram registradas em conexão com a campanha abolicionista no século XIX – mas que, a partir das décadas de 60/70, foi extremamente importante para repensar, não apenas os padrões relativos ao feminino, mas, dialeticamente, também do masculino (GUIMARÃES, s/d).

A modernização da mulher brasileira a partir dos anos 60 – sua adesão aos valores individualistas modernos, incluindo o uso de métodos anticoncepcionais (pílula anticoncepcional); o recurso a tratamentos psicanalíticos; o seu acesso à educação superior; sua entrada no mercado de trabalho, etc., deu-se numa sociedade altamente hierarquizada em termos de classe, raça e gênero, reproduzindo estas diferenciações (SARTI, 1988).

No Brasil, o feminismo, iniciado nas classes médias, expandiu-se através de uma articulação peculiar com as camadas mais populares, num movimento circular de mútua influência. As feministas que se organizaram no país, vinculadas, em sua maioria, às organizações e partidos de esquerda, atuaram politicamente articuladas ao conjunto das mobilizações femininas, dando à sua atuação uma coloração própria. O vínculo do feminismo com as camadas populares envolveu também uma delicada interação com a Igreja Católica, importante foco de oposição, diante do vazio político deixado pelo Regime Militar. O atrelamento à Igreja levou a uma política de avanços e recuos, na qual, em última instância, prevalecia a rigidez dos princípios religiosos, nem sempre observáveis na prática cotidiana de seus representantes mais progressistas, visto que não se podia trazer para a pauta de discussão questões tais como: aborto, divórcio, sexualidade e planejamento familiar (SARTI, 1988).

Portanto, o feminismo brasileiro desenvolveu-se interligando os grupos de classe média e os movimentos populares. Contribuiu para realizar lutas democráticas em oposição ao Regime Militar autoritário. No contexto de autoritarismo que marcou o início do movimento, os problemas “gerais” da sociedade – tais como melhorias nas condições de vida, nas periferias urbanas, em termos de água, luz, esgoto, asfalto, saúde e educação; protestos contra a carestia, etc. – eram prioritários em relação aos problemas “específicos” das mulheres (SARTI, 1988).

As questões eminentemente feministas ganham espaço quando o processo de “abertura” política, no final dos anos 70, consolida-se no país. Grande parte dos grupos de mulheres declara-se, abertamente, feminista e abre-se espaço tanto para a reivindicação ao nível das políticas públicas, quanto para o aprofundamento da reflexão sobre a condição específica da mulher.

A partir do dia 08 de março de 1975, o tom feminista foi se afirmando, tornando dominante no quadro geral do movimento: a mulher trabalhadora. Eram discutidas as temáticas da desigualdade salarial, a dupla jornada de trabalho, a discriminação geral no mercado de trabalho, a criação de creches. Por esse caminho, a questão da mulher foi se impondo (GUIMARÃES, s/d).

Aos poucos, as mulheres conseguem voltar-se mais para seus problemas específicos. Na tentativa de responder às inúmeras inquietações, sobretudo da população feminina,

que ocupava espaços públicos e trabalhava remuneradamente, deslocada de seu lugar tradicional – exclusivamente de dona de casa e cuidadora dos filhos – e carente de novas referências no plano pessoal e social, os meios de comunicação abriram espaço para a questão da mulher, conferindo, ainda que indiretamente, maior visibilidade e credibilidade ao movimento social (SARTI, 1988).

Paulatinamente, radicalizava-se o movimento com a emergência de temáticas que tocavam mais direta e abertamente as relações de gênero, como foi o caso da violência contra a mulher e da opressão sexual. Além disso, havia grupos que lutavam em função da problemática da saúde, da sexualidade e da reprodução, dialogando com o Estado, em termos de linhas de ação e elaboração de políticas públicas (GUIMARÃES s/d).

O peso significativo do movimento de mulheres entre as lutas sociais do país, nos últimos anos, trouxe à tona discussões, ao nível do congresso, das questões levantadas por este movimento, tais como equiparação salarial, igualdade no código civil, criação de um número significativo de creches, entre outras (GUIMARÃES, s/d).

Refletindo sobre o feminismo, Nolasco (1995) enfatiza que essa transição vivida, hoje, pelos homens, atribuída apenas ao movimento das mulheres, seria uma negação de que o próprio movimento feminista também seja decorrente das transformações sociais iniciadas em séculos anteriores (XVII e XIX). Mesmo que tal transição não possa ser atribuída exclusivamente ao feminismo, certamente, tal movimento das mulheres a potencializou. O autor ainda afirma que, considerando que o feminismo seria uma tentativa de "reparação" da identidade das mulheres, o que está acontecendo com os homens é uma contrapartida do que aconteceu (e continua acontecendo) com elas. Portanto, não estaríamos diante de uma "guerra entre os sexos", discussão apontada por alguns homens e mulheres, que muitas vezes culpabiliza o homem como o seu opressor, e, sim, uma tentativa de situar as transformações vivenciadas pelos indivíduos como uma "radicalização pelo individualismo".

Assim, pode-se dizer que esses movimentos sócio-históricos descritos acima deram uma fundamental contribuição para a construção subjetiva da masculinidade contemporânea, pondo em xeque o padrão de masculinidade hegemônico, por modificarem a dinâmica das estruturas que constituem os papéis masculino e feminino na cultura ocidental, principalmente no que se refere à sexualidade masculina.

Não obstante, Bourdieu (2010) considera que ainda vivemos em uma sociedade de dominação masculina. Essa dominação ainda se encontra presente nas relações de gênero que opõem o masculino ao feminino. Portanto, a visão androcêntrica dispensa legitimação na ordem da dominação masculina, a qual ainda se configura e se alicerça na divisão social do trabalho, na divisão sexual dos papéis, que definem o espaço público como, privilegiadamente, masculino, e o privado como, fundamentalmente, feminino.

Aos poucos, temos assistido a um crescente surgimento de novos paradigmas de masculinidade que instigam a reflexão quanto à redefinição do papel do homem na contemporaneidade, enquanto macho, pai, trabalhador, marido, amante. Para Nolasco (1993), embora o antigo modelo permaneça presente na trama social, não é mais tão hegemônico assim, havendo, inclusive, um crescente número de homens que não se

identificam com ele. O surgimento de novos paradigmas de masculinidade será discutido no tópico a seguir, bem como o processo de construção subjetiva masculina.

### **Pleiteando a pluralidade de configurações masculinas: o processo de construção subjetiva masculina**

“Ser masculino” não é uma condição natural de domínio e superioridade. Então, considerando gênero uma construção social, a maneira em que se é reconhecido enquanto homem está associada às práticas de posição e identificação tidas como masculinas, dentro da comunidade em que se vive, comprometendo-se com as mesmas. Desta maneira, Connel (1995, p. 188) define masculinidade como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Entretanto, salienta que, normalmente, existem “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”. Portanto, dada esta pluralidade de configurações, não deveríamos falar em “masculinidade”, mas em “masculinidades”.

Levando em consideração o conceito de masculinidades, devemos salientar o papel diante da dominação masculina entre seus próprios pares, caracterizados por suas práticas, ressaltando que a palavra “prática” vai além de uma racionalização, engendrando um ato em si. Como já destacado, Connel (1995) enfatiza que a existência de diferentes masculinidades estaria atrelada ao fato de que várias masculinidades são produzidas no mesmo contexto social e, com ela, as relações de gênero, incluindo as relações entre os próprios homens, em termos de dominação, marginalização e cumplicidade, determinando que a forma de masculinidade hegemônica estaria interligada aos outros tipos de masculinidades do seu entorno.

Para Almeida (2000), estariam presentes no âmbito da masculinidade quatro vetores de força: 1) vetor da sexualidade e do erotismo, 2) vetor da afetividade ou da emocionalidade, 3) vetor da corporalidade de gênero, 4) vetor da sociabilidade masculina de gênero. Ou seja, esses quatro vetores comporiam “dimensões representacionais” no contexto simbólico das masculinidades; contendo, ainda, os “não-representacionais”, tais como, energético-pulsional; emocionais e libidinais (inconscientes e conscientes). Todas essas “normas masculinas” definiriam o papel central que se imagina como um homem deve ser e se portar, tendo que corresponder sempre a esse modelo, que se estabelece no desenvolvimento infantil, e vem sendo sustentado e mantido pelos diversos discursos da ideologia patriarcal. Este foi um ponto muito criticado nos movimentos feministas, que teve um papel primordial para trazer à tona uma série de questionamentos, no âmbito acadêmico, tornando, através destes estudos, relevantes as questões sobre as relações de gênero.

Vale salientar que esse processo de construção subjetiva da masculinidade hegemônica perpassa várias fases da vida desse homem, tendo que ser fortalecida a todo o momento, sendo condizente com a cultura em que esse homem está inserido.

Freud (1933/2010) alegou, em sua teoria do complexo de Édipo, que ninguém nasceria homem ou mulher, mas nos tornaríamos homens ou mulheres no percurso da história de nossas vidas. Trata-se, portanto, de dimensões subjetivas que não se restringiriam à condição anatômica. Dessa forma, os ritos em torno da masculinidade, iniciados na infância e prosseguidos na adolescência – primeiros processos de socialização – são perpassados pelas relações sociais nos contextos familiar e escolar.

Baseado nas relações primárias com os pais, o menino/homem aprende que precisa se distanciar da feminilidade promovida pela primordial identificação com a mãe, no período pré-edípico, distanciamento este que resulta numa série de dificuldades para lidar com suas fragilidades e carências afetivas – ressaltando o caráter homofóbico de sua constituição subjetiva. Para Násio (2007), no caso das meninas/mulheres, elas estariam à "frente" dos meninos, à medida que não precisariam se distanciar desta identificação primordial com o feminino, conseguindo se relacionar com o outro com mais tranquilidade e/ou, até mesmo, com as suas questões de cunho afetivo. Diante dessa dinâmica, o menino aprende que precisa ser forte, independente e competitivo.

Apesar desse afastamento do menino em relação a sua mãe (feminilidade), é possível encontrar a presença da feminilidade na personalidade dos homens, e a masculinidade na personalidade das mulheres. Para a psicanálise, este afastamento seria proveniente de dois processos simbólicos, o da castração e o da sublimação. Em que a psicanálise explica a centralização do pênis na psique masculina (e a inveja do mesmo no feminino), ressaltando que a masculinidade se constrói a partir do medo de perder o pênis, o que o faz abdicar da mãe, enquanto objeto de desejo, e se identificar com o pai, indo em busca de outras mulheres.

Para Násio (2007, p. 22), no menino/homem,

o tal culto do pênis eleva o pequeno órgão ao nível de símbolo do poder absoluto e da força viril. Mas atenção! É também, e pelas mesmas razões, vivido como um órgão frágil, excessivamente exposto aos perigos e, por conseguinte, símbolo não apenas do poder, mas também da vulnerabilidade e fraqueza. É ainda através desse pensamento psicanalítico que o homem, por medo e desespero, protegeria sua virilidade, quando esta se encontra em perigo.

Os posteriores processos de socialização se estabelecem através da vivência da sexualidade genital adulta e do trabalho. Pois, é no desempenho sexual e no cenário do trabalho que as referências para a construção do modelo de comportamento dos homens se concretizam. Já na infância, os meninos aprendem que eles só serão reconhecidos como homens quando tiverem a capacidade de se tornarem provedores da família, comprovando, assim, sua independência e autossuficiência, podendo “dissolver” seu vínculo com os seus familiares. É também no ambiente de trabalho que os homens desempenham a sua identidade masculina e, com ela, seu modo de agir e pensar, vindo a desempenhar um

comportamento competitivo, tentando provar ser sempre o melhor em relação aos seus pares. O trabalho em si, para os homens, não estaria sendo associado a uma questão de escolha, mas de fatalidade, por eles acreditarem que será através do trabalho que poderão encontrar-se consigo mesmos, quando viessem a realizar seus sonhos de sucesso profissional promovidos pela ideologia do capitalismo consumista, descobrindo que nenhum objeto material pode aplacar o vazio causado pela existência humana. Portanto, é pela via do trabalho e da construção da própria família, assumindo a posição sexual que lhe cabe, e não com o Movimento Feminista que a crise da identidade masculina se inicia, já que estas construções não têm a capacidade de minimizar a dor de existir (SIDNEI, 2005).

Visto que a identidade sexual tem ligação direta com a anatomia do corpo e que a identidade de gênero é uma construção social elaborada pela cultura, conforme afirma Almeida (1995), é possível observar como é perpassada a norma social masculina, na qual o homem tem que obedecer ao modelo de comportamento definido por maior parte da sociedade, que inclui ter desejo pelo sexo oposto, concretizando uma heteronormatividade (padrão estabelecido pelas normas, referente à masculinidade heterossexual) que parte da masculinidade hegemônica e, por conseguinte, não é difícil imaginar o sofrimento daqueles que fogem a tais normas. Haja vista que as identidades citadas não são normativas fixas, a sociedade, porém, acaba por cobrar um padrão normativo a ser seguido e ensinado de pai para filho, e as sanções informais são aplicadas sem piedade aos que destoam dessas normas.

É comum observar as chacotas na rua, a violência verbal e até física, por grupos intolerantes. Embora também haja formas de sanções “mais brandas” em relação a homens que fogem um pouco ao padrão hegemônico, mas que apresentam uma prática social sexual padronizada (roupas, status social, comportamento heterossexual), salvo alguns acessos de fragilidade e/ou aparência que deixem dúvidas sobre sua posição sexual no seu meio social.

Connel (1995, p. 191/192) enfatiza que, para compreender a política das masculinidades, faz-se necessário o entendimento do aspecto da luta pela hegemonia, fazendo com que grupos de homens lutem pelo domínio da definição social da masculinidade, onde a posição dominante dos homens viesse a receber vantagens materiais e psicológicas, sendo contestada entre os grupos oprimidos. Desta forma, sendo fruto de todo um dinamismo, os padrões acerca da masculinidade hegemônica estariam em constante processo de transformações ao longo do tempo. Segundo Nolasco (1993, p. 40),

o estereótipo do macho exclui estas diferentes dinâmicas subjetivas, fazendo crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar.

Tal autor conclui seu raciocínio dizendo que "é a este último modelo que os homens estão procurando renunciar". Dessa maneira, os homens teriam dificuldades para compreender o que se passa com eles e, assim, poder lidar com tais situações, já que eles foram socializados a partir da ilusão de que nasceram para ser superiores uns aos outros.

Sendo o arranjo familiar o ambiente propício para o início da queda/quebra do pensamento hegemônico, é onde, visivelmente, observa-se o declínio das relações de poder que o homem exercia sobre a mulher, como também frente às personalidades tidas como desviantes (gays, lésbicas, transexuais e transgêneros). De acordo com Floeter (2010), pode-se afirmar que, de forma geral, as principais mudanças que afetaram as identidades de gênero nas últimas décadas são: as transformações na família, ou seja, a crise da forma da família nuclear burguesa (monogâmica e heterossexual).

Que transformações familiares são essas? Para responder a tal pergunta, é possível dizer que, no início do terceiro milênio, entramos na alta modernidade, na qual impera o questionamento da tradição, o declínio efetivo da função paterna, as mudanças dos papéis sociais de homem e de mulher que, por sua vez, alteram o exercício das funções parentais (BERNARDINO E KUPFER, 2008).

Trabalhando o cenário desta alta modernidade, Giddens (2002) argumenta que a velocidade das transformações sociais (viabilizadas pelo avanço na tecnologia, sobretudo) e as mudanças no campo da linguagem (representada, principalmente, pela internet – redutora, universalizante e imediata) foram os principais elementos que contribuíram para a explosão da estrutura familiar. Hoje, o sujeito contemporâneo padece dos efeitos da fragmentação dos lugares na família; sofre da anulação da assimetria entre as funções paterna e materna; está submetido às instabilidades das relações familiares, que estão sujeitas às separações de casais, aos riscos econômicos que afetam a vida familiar; assim como vivencia uma dissociação entre os valores, hábitos e regras familiares e os referenciais sociais, passados pelas instituições cuidadoras, tais como creches, com as quais o sujeito entra em contato muito cedo.

Assim, cada vez mais, na era da alta modernidade, existe a falta de referências simbólicas em que os seres humanos possam se situar – sejam eles homens ou mulheres. Resta nos apoiarmos na lógica do que “desejo ter”, correndo atrás do consumir objetos oferecidos pelo mercado, para que, através deles, possamos compor uma imagem narcísica, que nos permitiria estar “dentro” do sistema.

Delineiam-se, então, novas configurações familiares, que expressam mudanças de posturas dos membros da família, visto que mudam a relação de gênero, interferindo, conseqüentemente, na constituição subjetiva dos novos integrantes da mesma. Estas mudanças serão discutidas no tópico seguinte, revelando que elas ocorrem, muitas vezes, permeadas por grandes tensões e momentos críticos.

### **Crise da masculinidade vivida pelos homens da contemporaneidade: não é de se espantar!**

A crise da masculinidade surge quando o modelo tradicional não dá mais conta, plenamente, da subjetividade masculina, precisando de novos moldes a adequar-se, em sua descrição e expressão, trazendo conflito identitário masculino, o que geralmente causa

muito sofrimento emocional, resultando em uma série de questionamentos acerca de sua posição e dos aspectos do que seria “ser homem” hoje.

Na contemporaneidade, a crise vem se avolumando e se estruturando em meio à pergunta: o que é ser homem, afinal? E seus desdobramentos: O que é ser pai, amante e marido? Nessa inserção cultural masculina, há diversas formas de se comportar; regras impostas, das quais os homens se afastarão ou se aproximarão para assumirem características e papéis do dito universo masculino. Porém, além de essas imposições não coadunarem, muitas vezes, com os traços identificatórios do sujeito, há também uma fragilidade em tais propostas, visto que não há um acordo tácito definido quanto ao que se refere às características ditas masculinas, bem como a fluidez e a velocidade com que estas se constituem e se deformam não mais são capazes de abarcar esta redoma masculina por completo. A crise se instala tão constante quanto a dificuldade de se ter um parâmetro padronizado para o masculino.

Diante de tal cenário, para Dorais (1994), o homem contemporâneo está desamparado, sem ter uma definição precisa do que é ser homem e, conseqüentemente, ao que lhe cabe demandar e responder ao assumir tal posição subjetiva, num tripé de crises que constituem a sua subjetividade: a crise da identidade, a crise amorosa e a crise parental. Nas relações amorosas e sexuais, sendo um reflexo desta crise, há um mal-estar em estado contínuo para ambos os gêneros, gerando insegurança quanto ao que cabe ao homem e à mulher no jogo de sedução, como aponta Kehl (1996, p. 22):

o que devo fazer para ser amada e desejada?’ Perguntam as mulheres com algum ressentimento: não era de se esperar que o amor se tornasse tão difícil já nos primeiros degraus do paraíso da emancipação feminina. ‘O que faço para ser capaz de amar aquela que, afinal, me revelou o seu desejo?’, perguntam os homens, perplexos diante da inversão da antiga observação freudiana, segundo a qual é próprio do feminino fazer-se amar e desejar o próprio do homem, narciso ferido eternamente em busca de restauração, amar sem descanso aquele que parece deter os desejos de sua cura.

No cenário doméstico, muitos casais, na contemporaneidade, entram em longas discussões e reflexões, com o intuito de entrarem em consonância quanto ao que cabe a cada um, no que tange à administração do lar. Inúmeras tarefas domésticas precisam ser divididas e distribuídas entre os membros do casal, já que a mulher também se encontra no exercício de trabalho remunerado fora de casa, sendo, inclusive, a sua remuneração financeira extremamente significativa na composição da renda familiar. Entretanto, ainda é possível dizer que as atividades domésticas, embora divididas, ainda é um papel fundamentalmente feminino. O homem passa a se permitir “sentir”, faceta da qual se escondia detrás de uma atitude provedora e viril. Além disso, passam também a realizar certos cuidados em relação aos filhos, antes, exclusivamente, atribuídos às mulheres (CONNEL, 1995).

Por conseguinte, o grande desafio para os homens é ter que lidar com as novas exigências que lhes são impostas, visto que eles, cada vez mais, têm dividido espaços com as mulheres. Não só no âmbito doméstico, como dito acima, mas também em ambientes de trabalho, bem como em espaços de cuidados com a beleza. Pode-se destacar o culto ao corpo, adotando comportamentos de vaidade, como a frequência maior em academias, buscando corpos “sarados” (músculos definidos), agora não mais, exclusivamente, como demonstração de força, mas, sim, visando à exibição do corpo. Destaca-se também o modelar das sobrancelhas, cuidados com a pele e, até, preocupação com os cabelos, de forma a estarem bem penteados (KEHL, 1996).

No que diz respeito ao quesito “autocuidado”, os homens começam a perceber a importância da prevenção e do cuidado com a saúde, embora, geralmente, cheguem aos serviços de saúde já em uma fase moderada ou grave das doenças. O padrão corporal ainda extremamente valorizado na sociedade é o de um indivíduo jovem, forte, musculoso, sempre pronto e disponível sexualmente, um verdadeiro “super homem”. Portanto, a iniciação sexual começa bem mais cedo, na tentativa de provarem aos seus pares a sua masculinidade, expondo-se a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), pelos descuidos cometidos na realização do sexo seguro, bem como levando os homens a reprimirem anseios e inseguranças que compõem esse período de vida. Além disso, para manterem uma excelente performance sexual, fazem uso de drogas vasoativas orais, em abundância, pondo em risco a sua saúde (SEPARAVICH e CANESQUI, 2013).

Além disso, os homens começam a participar mais ativamente das práticas contraceptivas e de todo o processo gestacional de sua mulher, o que os ajuda a construir a dimensão de paternidade. Já existem “pais cuidadores” que vivem a experiência da paternidade com especial intensidade emotiva, demonstrando disposição contrária ao estereótipo masculino que pressupõe o autocontrole das emoções e a negação do cuidado (SUTTER; BUCHER-MALUSCHKE, 2013, *apud* SEPARAVICH; CANESQUI, 2013).

Para finalizar esta fundamentação teórica, podemos compreender que “crise” é tanto uma situação de perigo e desconforto, quanto uma privilegiada oportunidade de mudanças. Esperamos que essa crise da masculinidade, na contemporaneidade, seja vivida como um momento rico de reflexão, não apenas para os próprios homens, mas para a sociedade em geral, no sentido de levar a uma maior conscientização da existência de novas construções sociais de masculinidades distintas da posição hegemônica, libertando os homens de uma única forma ou uma forma padrão de expressão, quase uma sina, de fortaleza, força e competitividade, revelando as suas reais fragilidades que também competem ao dito “sexo forte”.

### **Dar “voz” aos homens contemporâneos – website denominado Papo de Homem**

É preciso dar “voz” aos homens. Para isto, recorreremos ao website denominado “Papo de Homem”, espaço virtual no qual os homens podem trazer temas significativos do universo masculino para a discussão – inclusive, motivados por perguntas feitas pelos

próprios leitores. E, dentre estes, aqueles(as) que desejarem, podem dialogar com o autor, expressando e comentando as suas opiniões. Este site virtual alerta para o quanto precisamos falar sobre os homens acerca de sua identidade masculina.

Metodologicamente, cinco textos foram selecionados deste website, por trazerem temáticas extremamente instigantes, compatíveis com os assuntos abordados nesta pesquisa, tais como: 1) **A masculinidade não é algo a se definir** (Luciano Ribeiro); 2) **Sou gay, mas sempre tive muita vontade de ser hétero** (Alex Castro); 3) **Solidão Masculina** (Frederico Mattos); 4) **O Amor dos bróders** (Fred Fagundes); 5) **Homem que é homem ... Chora. Porra!** (Jader Pires); 5) **Sexo, dinheiro, força e poder: as prisões masculinas** (Frederico Mattos).

Os textos, de uma forma geral, abordam o quanto os homens ainda vivem nas “prisões masculinas”, sofrendo (e, por que não dizer, torturando-se) para retroalimentar uma cultura preconceituosa. Assinalam que o discurso dominante é prejudicial não apenas às mulheres, mas a si mesmos, sustentando posições de força, racionalidade, virilidade e poder enraizado no modelo hegemônico da masculinidade. É possível exemplificar tal situação através de fragmentos de discursos, tais como:

Homem que é homem não acha outro homem bonito e, muito menos, diz que o ama (texto 1 – masculinidade não é algo a se definir).

Eu sou masculino porque abandono as mulheres depois de ter seu amor (texto 1 – masculinidade não é algo a se definir).

Eu sou muito competitivo. Não que mulheres não possam ser também, mas há algo sobre ser homem e ter um direcionamento competitivo (1).

Ser sensível não é coisa de homem (1).

Eu sou emocionalmente forte, sempre me virei sozinho e não tenho medo de nada. Por acaso sou fisicamente forte, mas não é disso que deriva minha masculinidade (texto 1 – masculinidade não é algo a se definir).

Para retratar essas “prisões masculinas”, os homens vendem as ideias de uma hiper-heterossexualidade viril; de sucesso e provedor; de resistência ilimitada; de saúde e força inabaláveis; de autossuficiência; de que a vida prática e exterior é o que importa; de que são inquestionáveis; e que são ativos. O preço de agir contra esses scripts preestabelecidos pelo modelo hegemônico de masculinidade, ou melhor, por não aceitar e seguir o papel que lhe cabe, é ser, muitas vezes, condenado pela sociedade e, até, por si mesmo. Temos os seguintes fragmentos de discursos de alguns homens que sofrem esta recriminação por não estarem “agindo como homem”:

Se, por qualquer motivo, a gente decide que é melhor não trabalhar tanto, que os filhos estão crescendo e é melhor aproveitar os dias contados que teremos ao lado deles, fodeu. Os dedos julgadores apontam. Um ressentimento, vindo de algum

lugar misterioso, aparece. Uma certa vergonha surge. ‘Você não está agindo como homem (texto 1 – masculinidade não é algo a se definir).

Sou homossexual e confesso que isto é uma das piores coisas do mundo. EU ODEIO isso em mim. Já tentei mudar, mas infelizmente não consigo. Já pensei até em suicídio, mas não cometi por causa de minha mãe, ela iria sofrer muito. Isso se deve ao fato de que sempre tive muita vontade de ser um HOMEM NORMAL e não ser essa aberração que é ser gay. [...] Não queria isso para mim. Não há liberdade! É uma prisão de alma! Só queria ser normal. Acho que Deus deve me odiar (texto 2 – Sou gay, mas sempre tive muita vontade de ser hétero).

É possível, ainda, dizer, que os homens, embora mantenham dentro de si as noções tradicionais de masculinidade, já começam a se adequar a uma mentalidade livre de papéis restritos. Não obstante, eles não foram preparados para lidar com a amplitude de identidades à sua disposição. Para piorar a situação, não são abertos espaços para discussões maduras e sérias sobre os dramas masculinos. O resultado é uma apatia existencial, que retrata o sofrimento masculino, bem como uma “psicopatologia” denominada, por ele, de “solidão masculina”. Isto se revela em alguns fragmentos de discurso:

Tenho tudo, mas não estou bem (texto 3 – solidão masculina).

Honestamente, não sei mais como agradar minha mulher. Parece que, quanto mais eu ofereço de mim, menos ela valoriza. Eu deveria tratá-la como sem coração, como uma vadia? [...] Nem ela sabe o que quer direito (texto 3 – solidão masculina).

Meu pai foi criado com o padre protestante. Na cidade dele, tudo era preto no branco. Meu avô dizia o que era certo e errado e a Bíblia estava sempre em cima da mesa, dizendo qual era a verdade. Depois do Google e da Wikipedia, nada disso mais faz sentido e não tenho mais nada firme em que acreditar (texto 3 – solidão masculina).

Por outro lado, nesse *website*, alguns homens já começam a abordar a insuficiência do modelo predominante de masculinidade para traduzir todo o enorme leque de características que definem o universo masculino. Na busca de uma definição precisa de masculinidade, não é de se admirar que não se consiga chegar a lugar algum diante da diversidade de manifestações masculinas, que questionam o discurso dominante. Este fato se reflete nos seguintes fragmentos de discursos de certos homens:

[...] nada impede que um homem possa se considerar masculino por manifestar qualidades ditas femininas. Você poderia perfeitamente se considerar masculino justamente por ser mais sensível e compassivo ao sofrimento dos outros, por gostar de cuidar dos seus filhos ou, talvez, por se dedicar e cuidar dos seus relacionamentos (texto 1 - masculinidade não é algo a se definir) .

Tenho sido chamado de SNAG (Sensitive New Age Guy), um homem da renascência, um homem em contato com seu lado feminino, etc. Eu acho que sou masculino no sentido de autossuficiência (texto 1 – masculinidade não é algo a se definir).

Eu quero mostrar que, apesar dos estereótipos, homens gays podem ser masculinos também (texto 1 – masculinidade não é algo a se definir).

Não perca tempo. O melhor está nessas declarações sinceras. Deixe o preconceito estúpido de lado. Todo homem merece ouvir – e falar – um ‘eu te amo’ para o melhor amigo (texto 4 – o amor dos bróders).

Travamos, agora, uma batalha sangrenta de ideias pelo direito – e digo mais: pelo dever – das lágrimas de macho ao final de um filme. Chorar é um ato de liberdade e de (por que não?) demonstração de gigantes colhões. E se a delícia que te acompanha não se mostrar tão solícita para com o desfecho melodramático, compartilhe sua sentimentalidade com todo o seu status de mula. [...] Orgulhe-se desse sangue quente que nessa veia corre e aja como um macho dono da verdade. Chore (texto 5 – Homem que é homem ... Chora. Porra!).

Para concluir, a identidade masculina está fragmentada em múltiplos referenciais, para um homem acostumado a assumir papéis mais tradicionais. Como os papéis não estão claros e a realidade se mostra paradoxal, esse homem está sempre se sentindo ameaçado por um leque de possibilidades de si mesmo. Abrir um espaço em que a angústia e o desânimo possam ser trazidos à tona é essencial para ampliar o repertório de ações desses novos homens, afirma Frederico Mattos, autor do texto “Solidão Masculina”.

### Considerações finais

Como foi visto durante todo o trabalho desenvolvido nesta pesquisa, embora persista ainda um modelo de masculinidade hegemônica que representa como predicativos da personalidade do homem ser racional, viril e heterossexual, estando, nesse sentido, a sociedade atual ainda baseada em alguns princípios do patriarcado e, conseqüentemente, na concepção machista, já coexistem outros paradigmas que colocam tal modelo hegemônico em questão.

Portanto, também é correto dizer que, paradoxalmente, nos dias atuais, os padrões preestabelecidos não são mais capazes de corresponder à definição de um gênero, visto que estão sempre em transformações e competem aos indivíduos novas formas de ser e agir. Esta situação repercute nas diversas formas de masculinidade, fazendo com que essa diversidade não apenas se apresente, mas que exija e lute através de movimentos sociais por direitos iguais, e por que não dizer, por um deslocamento da masculinidade hegemônica, pleiteando, dos indivíduos que fogem à masculinidade tradicional, o reconhecimento de sua masculinidade.

Ao nos depararmos com uma quebra de normas, e com ela, uma "nova" construção subjetiva da identidade masculina, o homem aqui – branco, heterossexual e de classe

média – se vê aterrorizado frente à falta de referenciais mais delimitados de masculinidade, e, diante de uma diversidade masculina, pode instaurar uma situação de crise psíquica, permeada por conflitos internos e externos, que termina colocando para os homens a sua identidade masculina em questão.

É a partir desse pressuposto de fragilidade masculina, frente à crise vivenciada pelos homens, que o nosso trabalho percorreu histórica e literariamente as décadas de 60/70 e os supostos caminhos que, possivelmente, teriam ocasionado essa crise na masculinidade hegemônica. Portanto, foi possível indagar o papel do homem nessa sociedade e fazer considerações sobre as consequências do modelo machista, que coabita com novos paradigmas que refletem nos gêneros masculino e feminino.

Além de trazer à tona o complexo “formato” de masculinidade atual, transpassada pelos movimentos de Contracultura feminina dos anos 60, que redefiniram o papel masculino, por abalar a ideia de uma masculinidade admitida como natural, em termos de sua relação hierárquica e de poder, surge o interesse nas novas concepções de masculino, com principal foco na contemporaneidade, tais como a carga emocional e de subjetividade vivida por esses homens, suscitando a necessidade de realização de novas pesquisas que continuem trazendo maiores esclarecimentos sobre sua origem, constituição, e de compreender como todo esse processo se dá até os dias atuais.

## Referências

- ALMEIDA, M. M. de M. Dimensões da masculinidade no Brasil. **Revista Gênero**, Niterói, v. 1, n. 1, p.29-40, 2000.
- ALMEIDA, M. V. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso no Sul de Portugal. **Anuário Antropológico**: 1995. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 161-189.
- AMARAL, M. Disponível em: <<https://barbiescollectors.wordpress.com/barbie-e-seus-criadores>>
- ANDOLINI, L. Disponível em: <<http://www.papodehomem.com.br/18-a-masculinidade-nao-e-algo-a-se-definir>>
- ARIÈS, F. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BERNARDINO, L. M. F.; KUPFER, M. C. M. A criança como mestre do gozo da família atual: desdobramentos da "pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil". **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 661-680, set. 2008.
- BORDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.
- CORTÉS, T. A. Subcultura, contracultura, Tribus urbanas Y culturas Juveniles? Homogenización o diferenciación? **Revista Argentina de Sociología**. Buenos Aires. v. 6, n. 11, p. 257-271, 2008.
- DORAIS, M. **O homem desamparado**. São Paulo: Loyola, 1994.
- FLOETER, Guilherme Saade. Novas masculinidades? Um estudo sobre relações de gênero e sexualidade na UFSCAR. **Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, Florianópolis, n. 9, p.1-6, jun. 2010.

- FREUD, Sigmund. Feminilidade. *In*: \_\_\_\_\_. **Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1933). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (Obras Completas de Sigmund Freud)
- GOMES, R. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.
- GUIMARÃES, F. F. F. **Contracultura nos Estados Unidos e contracultura no Brasil: um estudo comparado**. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. ANPOCS, 36., 2012. Águas de Lindoia, SP. Disponível em: < [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=7973&Itemid=217](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=7973&Itemid=217)>
- KEHL, M. R. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MEDRADO, B. *et al.* **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto PAPAI, 2010.
- MATTOS, F. Disponível em: <<http://www.papodehomem.com.br/sexo-dinheiro-forca-e-poder-as-prisoas-masculinas>>
- NASIO, J. D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- NOLASCO, S. A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- REY, F. G. **O social na psicologia e a psicologia no social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ROSZAK, T. **A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SARTI, C. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 64, p. 34-47, fev. 1988.
- SEPARAVICH, M. A.; CANESQUI, A. M. Saúde e masculinidades na política nacional de atenção integral à saúde do homem: uma revisão bibliográfica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2013.
- SIDNEI, A.M. Corporeidade, etnia e masculinidade. *In*: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 1., 2005. São Leopoldo, RS. **Anais...** São Leopoldo, 2005.
- SPINK, M. J. P. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

---

Recebido em: 16.08.2016

Aprovado em: 11.09.2016

**Para referenciar este texto:**

SILVA, Rafael Matias da; ANDRADE, Fernanda Wanderley C. de. O marido da Barbie: os novos paradigmas da masculinidade contemporânea. **Lumen**, Recife, v. 25, n. 1, p. 129-146, jan./jun. 2016.